

HUGO CHÁVEZ NA ASSEMBLEIA REGIONAL

# Democracia representativa não serve à Venezuela



- Chávez esteve ao seu melhor nível na Assembleia Regional. Aludiu ao «povo superior» e à «jangada de pedra», criticou a democracia representativa, o neoliberalismo e a globalização, defendeu o povo palestino, repudiou o uso da violência e apelou ao perdão da dívida externa.

EMANUEL SILVA, AGOSTINHO SILVA (texto), RUI MAROTE (Fotos)

Ouvir falar da Madeira na década de 60. Ontem sentiu-se «infinitamente feliz» por visitar a Madeira e discursar na Assembleia Regional. De improviso, Hugo Chávez aludiu aos laços comuns entre o povo madeirense e venezuelano. O estadista recorreu à "Jangada de Pedra", do escritor José Saramago, para ilustrar o papel de Portugal e da Madeira na América Latina. A Península Ibérica que se desprendeu da Europa e rumou à costa caribenha serviu de referência ao discurso de Chávez. A Madeira embarca nessa jangada que Chávez redenominou "de água". «Movem-se exércitos mas a jangada avança», disse.

Hugo Chávez acredita que a "barca de água" é ainda mais rica que a "jangada de pedra". Mais rica porque tem retorno, porque «vai e vem e esteve a ir e a vir durante centenas de anos», disse. Uma «barca infinita, gigantesca e azul, de amores que partem e amores que regressam, de afectos que vão e afectos que regressam». A Madeira é o mastro dessa barca, «um coração palpitante na imensidão da barca», disse.

O estadista venezuelano agradeceu o contributo dos madeirenses na reconstrução da Venezuela. Povo que ressuscitou de uma penumbra em que havia mergulhado nas últimas décadas. Segundo Chávez, a auto-estima dos venezuelanos foi retomada com o governo "chavista" que tem uma visão conjunta para toda a América Latina.

Para Hugo Chávez, a América Latina não só tem de encontrar o caminho como deve construí-lo. Para tal, «a América Latina quer e requisita a Europa e Portugal. Uma vez mais», enfatizou o presidente. Venezuela «estende os braços e o coração à Madeira», disse.

Hugo Chávez desafiou as autoridades regionais a «elaborar um plano estratégico», um fórum de discussão bilateral entre a Madeira e a Venezuela. O plano visa estreitar laços ao nível político, económico, social e cultural onde o colectivismo deve sobrepor-se ao individualismo. «Bolívar dizia que há que encontrar o ponto de equilíbrio entre os extremos. É isso que estamos a construir», disse. Hugo Chávez rejeita modelos exportados como a democra-



O estadista venezuelano agradeceu o contributo dos madeirenses na reconstrução da Venezuela.

cia representativa ou o neoliberalismo que deu maus frutos na Argentina.

«A Venezuela não chega a democracia representativa, é uma trampa. Não serve o país», disse. O estadista prefere a «democracia participativa» contemplada na nova Constituição da República Bolivariana que Hugo Chávez fez questão de exibir um exemplar de bolso. O cargo de presidente do país tem um mandato de 6 anos mas pode ser referendado aos 3 anos caso o Povo assim o queira.

Ao aludir ao actual momento político mundial, Hugo Chávez deixou claro que a violência e o terrorismo não se combatem com a violência. A guerra não é o caminho mas antes os valores do humanismo, do cristianismo e da igualdade. Quer essa luta assumida a designação de

comunismo, bolivarianismo ou cristianismo, na certeza de que «sem justiça não haverá paz no Mundo».

«Nada justifica a guerra. Não há nada que possa justificar a morte. Não se pode responder ao terror com mais terror e à morte com mais morte. À morte responde-se com vida, à obscuridade responde-se com luz, à falta de esperança responde-se com esperança. Este é o momento para dizê-lo, para nos unirmos e exigirmos paz», disse.

O estadista confidenciou que ficou agradado ao ver a fotografia do primeiro-ministro britânico, Tony Blair ao lado de Arafat. «Há que aplaudir-lo porque o povo da Palestina merece paz e justiça, à semelhança dos demais povos», disse Chávez. Paz e justiça é a fórmula contra a guerra, a miséria e o desemprego. Enganam-se os defensores

da globalização que pensam que tal «mão invisível» é o remédio para os males do Mundo. «Mentira. Insensatos. Há que recuperar o sentido da igualdade», gritou Chávez.

A deixa não podia ser mais oportuna. Foi nesta fase do discurso que, inconscientemente, Chávez rebateu uma velha máxima de Alberto João Jardim. «Não há seres superiores aos outros. É mentira. Brancos, negros, índios, amarelos, todos somos iguais», disse. Numa coisa as posturas de Chávez e Jardim coincidem. Tal como na história do guerreiro sul-americano a quem foi perguntado porque tinha disparado. Ele respondeu: «Prefiro morrer a combater do que morrer de fome», contou Chávez.

É por isso que a Venezuela subscreveu, em 2000, na Cimeira de Nova Iorque, uma declaração mundial que per-

mitirá reduzir para metade, a pobreza, até 2015. A luta não é fácil, disse o estadista, porque os países ricos persistem em não perdoar uma substancial parte da dívida externa aos mais pobres. Este ano, a Venezuela já pagou 4 mil milhões de dólares de encargos da dívida externa. Dinheiro que lhe custa a pagar quando sabe que há pobreza no país e necessidades básicas na população. «É uma imoralidade a usura dos ricos contra os pobres», sintetizou.

Nesta ordem de ideias, Hugo Chávez propõe um acordo mundial segundo o qual os subscritores se propõem a aplicar, no imediato, em despesas sociais, pelo menos 50% das despesas com a dívida externa. «Deus nos livre de um modelo bipolar – disse – acredito num Mundo com múltiplos pólos», rematou.



## Discurso à Venezuela

No final da intervenção de Hugo Chávez, na Assembleia Regional, o presidente do Governo Regional foi convidado pelos jornalistas a comentar algumas passagens do discurso como a desvalorização da democracia representativa. Jardim limitou-se a dizer que a Europa e a América Latina são realidades diferentes e que, se fosse presidente da Venezuela, teria um discurso semelhante.

## Ordem para Jardim

O director regional das Comunidades, Gonçalo Santos, fez questão de mostrar, ontem, aos jornalistas destacados para o aeroporto, que o embaixador da Venezuela em Lisboa, Manuel Quejada tinha feito chegar a Alberto Jardim a Ordem de Mérito do Libertador, com que foi distinguido.

## Dinheiro luso

A comunidade portuguesa na Venezuela é o grupo de origem estrangeiro que mais tem investido no país. Para isso, basta lembrar que 98 por cento das padarias são propriedade de portugueses ou de lusodescendentes. Não é o único sector da economia venezuelana que está nas mãos de investidores portugueses. Os supermercados, restaurantes e discotecas são áreas onde há grande investimento da comunidade portuguesa.

Na verdade, esta é a comunidade que, nos últimos tempos, mais tem mostrado confiança no futuro da Venezuela. Além da aposta na economia, a comunidade de origem portuguesa está também a investir o dinheiro em novos centros recreativos, sociais e desportivos. No que diz respeito aos centros, no Centro Português de Caracas foi aprovada uma ampliação e a construção de uma torre de estacionamento.

O investimento estende-se também aos lares de terceira idade, estando prevista, para breve, a construção de duas destas infra-estruturas.

DA VENEZUELA AOS MADEIRENSES

## Mendonça agradece acolhimento

O presidente da Assembleia Regional (ALR), Miguel Mendonça, agradeceu ao presidente Hugo Chávez o «carinho e a solidariedade» que a Venezuela dispensou aos madeirenses que saíram da Região em busca de melhores condições de vida.

No discurso que urdiu para a sessão solene, Miguel Mendonça disse que «a Venezuela teve sempre, com a comunidade portuguesa em geral e a comunidade madeirense em particular, uma atitude de carinho e solidariedade que

facilitou a plena integração de milhares de famílias saídas da Madeira rumo ao desconhecido».

O presidente da ALR elogiou Hugo Chávez, dizendo que ele «prometeu a mudança ao país de que é o mais alto magistrado que, tal como o seu povo, e os emigrantes madeirenses que nele vivem, não aceita acomodar-se, recusa o imobilismo e pugna pela justiça social, pela igualdade de oportunidades de acesso, dos seus filhos, aos bens temporais e aos bens do espírito».

Miguel Mendonça fez ainda questão de ressaltar que «por caminhos diferentes, mas tendo sempre como pano de fundo os inalienáveis valores da democracia, ressaltadas as devidas proporções que distanciam um Estado soberano – a Venezuela – de uma pequena região, com autonomia política – a Madeira – nós também temos um percurso de luta por um futuro melhor para este território e pela afirmação do nosso direito à diferença».